

COLLAGE I Do movimento a criação

Fernando Fuão¹ e Taís Beltrame dos Santos²

Durante a pandemia da Covid, viu-se nas redes sociais, principalmente no Instagram, um crescimento descomunal da collage. Milhares e milhares de pessoas passaram a compartilhar suas collages, desde pessoas que estavam experimentando collagem pela primeira vez, até pessoas que durante anos e anos sempre se dedicaram à prática. É certo, a collage não constitui nenhuma novidade, embora dentro das artes plásticas, no campo da arte, ela tenha sido negligenciada por muito tempo ou considerada uma arte menor. Seu início está associado ao advento da fotografia assim como à modernidade e à industrialização, começa aí a ideia de se pensar a criação como uma montagem a partir de fragmentos que se acoplam, e juntos em composição, produzem um novo sentido. Um pensamento que opera através de analogias entre imagens, e que foi se atualizando e ao mesmo tempo reduzindo-se em sua essência, ao ponto de se transformar no *cut and paste*. como uma ferramenta imprescindível em vários programas computacionais. Não por acaso, esses programas são organizados a partir de uma arquitetura de sistemas e programações, através de blocos, *blocks*, que se agregam a outros blocos para conformar uma espécie de cidade-sistêmica.

Mas então, quando juntamos diferentes elementos estamos fazendo collage? O que determina esse processo? O que o distingue de um fazer maquínico? Gostaríamos aqui já de entrada de estabelecer que para nós a collage não é um simples cortar e colar, mas sim, um tipo de pensar, um pensar através de figurações, privilegiando a atividade do inconsciente, exatamente ali onde o pensamento linear da escrita finda.

Foi dentro do surrealismo que apareceu pela primeira vez a palavra collage, e serviu para designar esse trabalho de ação sobre a linguagem, sobre os significados, diferenciando-se, portanto, das collages dos cubistas e das fotomontagens dadaístas. Max Ernst foi, sem dúvida, a grande expressão da collage no surrealismo. Para Ernst, a “Collage é o milagre da transfiguração total dos seres e objetos, com ou sem modificação de seu aspecto físico ou anatômico.”

Portanto, a collage será aqui privilegiada em seu sentido surrealista, de uma mudança, de uma transformação no significado das figuras e seres em oposição à expressão “colagem”, utilizada para designar todo e qualquer trabalho que resulta da aplicação do material colado num plano, onde sua ênfase recai no tratamento do material e não em uma linguagem, como sugeriu Sergio Lima. Sem entretanto desmerecer, as outras múltiplas utilização dela.

¹ Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese Arquitectura como Collage.

² Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG/UFRGS. Graduanda em Artes Visuais pelo CEART/UFPel. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel. Arquitecta e Urbanista pela FAUrb/UFPel.

Fazemos collage quando juntamos diferenças conservando suas diferenças, quando lembramos também fatos, cortando papéis, encantando e desencantando imagens e sentidos. Fazemos collage quando abdicamos da pressa e procuramos encaixes, desencaixes, simetrias, analogias, desconstruções. Poderíamos dizer, que na verdade é a collage que nos faz e conduz, que ‘nos encontra’. O encontro do ‘si’ consigo mesmo. Diferente da máquina ou do programa que deseja um produto, a collage deseja o processo. Ela não é dada, ela é dinâmica e imprevisível.

Collage é um movimento de criação, onde as idealizações e representações da inteireza caem por terra, precisam ser esquecidas, para que montemos um novo mundo possível. Ela existe para incomodar, para criticar, para opinar. É uma linguagem de desacomodação, e não busca acomodar nada, é uma antilinguagem, que grita contra qualquer sintaxe. Ela é adversa às regras e criações, luta contra as arbitrariedades dos encontros predestinados que se satisfazem por destinos, algoritmos ou ainda coleções. A collage se faz na emergência do caos. Sim, é preciso caos (mundo ainda sem sentido) para que se faça collage. É preciso que as figuras sejam retiradas de suas ordens, misturadas, promovidas, esgarçadas, corrompidas, mutiladas, multiplicadas e reunidas para que se crie um sentido outro, oportuno, em que o movimento continue mesmo após a cola compactuar o fim da festa e virar nova memória.

Por ser carente e perversa, a collage é ferramenta para a educação. Nesse amontoado de sentidos e preposições ela permite a comunicação de angústias e imaginações. É terapia, arte-terapia. É encontro com si e com o outro, com os outros. Ela dá vazão aos medos, desejos e anseios que podem acontecer quando diversas pessoas se reúnem para falar enquanto usam as mãos, pensando coletivamente. Ou no encontro com si, ela acolhe os diversos pensamentos e os múltiplos heterônimos que nos compõem, insinuando percalços e promovendo risadas e choros. A collage é promovida nos entremeios, nas pausas, na observação. Faço collage quando respiro e olho para as imagens que me pensam, junto fragmentos e modifico o rumo, rotacionando o ponto de vista e explorando as possibilidades para além da gravidade e do produtivismo. Fazemos collage quando usamos as imagens coletadas, ajuntadas, encontradas para dar vazão ao que não se explica mais em palavras.

Reunindo tudo o que não cabe ou não serve, a collage é a arte do subproduto, do que sobrou. Fazemos collage com a revista passada, o jornal velho, a fotografia de família, o pedaço de madeira coletado na lixeira da rua, o livro de receitas preferido da avó. Unimos pedaços, mas não antes de pensar que inteireza violamos quando juntamos diferentes. Por isso, collage é acolhimento. É ali, onde tudo o que foi dilacerado se encontra para ganhar um novo sentido, que mora a hospitalidade da collage, onde seus receptáculos fazem a diferença.

Etimologicamente, a palavra collage é um derivado do verbo francês *coller*, que significa, literalmente, ‘colar’. *Colle* significa cola, entretanto, essa definição em nada nos ajuda ou dá pistas ao amplo âmbito que a collage compreende. É, talvez, em seu sentido mais antigo, na língua latina, na palavra *colegare*, que podemos nos aproximar melhor à essência da collage. Para tanto, nada melhor que ampliar o significado do que associar a collage ao verbo imaginário ‘colegar’, algo entendido no sentido daquelas figuras que andam juntas, estão juntas na escola.

No campo das artes, a collage assumiu ao longo dos anos diversas denominações. No século XIX, com o advento da fotografia, começa a ser chamada de *fotografia composta*, como um precedente para a fotomontagem e a montagem. Com o movimento dadaísta, no começo do século XX, George Grosz, John Heartfield, Hanna Hoch e outros começam a explorar linguagens inovadoras a partir de recortes de papel de jornais, revistas e bilhetes, introduzindo fotografias e fragmentos em suas obras.

Simultaneamente, os cubistas Picasso, Braque e Juan Gris experimentaram o princípio da collage em suas pinturas recortes e fragmentos de papel que representavam madeira, pedaços de jornal, etc. A isso deram o nome de *papiers collés*, que se constituíam num novo tipo de natureza morta, onde o fragmento representa o todo. Nesse sentido, o princípio do *pars pro toto*, da parte pelo todo, era utilizado e um pedaço de papel aludia ao tampo de uma mesa, uma página do jornal equivalia ao jornal completo, um azulejo poderia corresponder a uma parede inteira, e assim, misturam-se pintura e collage. Tal fato, segundo o filósofo Simón Marchán Fiz, foi responsável pelo que se chama hoje *arte matéria*. Na Rússia, desde os anos 1910-1930, a collage acontecia principalmente em cartazes de propaganda marxista-leninista, o *agit prop*. Se entranhava também em outras áreas como cinema, com a dupla exposição, a montagem de Serguei Eisenstein; e no estranhamento, distanciamento de Viktor Shklovsky no formalismo literário. Na realidade, convencionou-se chamar, genericamente, 'colagem', todas essas experimentações, assim como a partir da segunda metade do século XX as *assemblages*, *décollages*, *combine painting*, *box form*, *tableaux pliage*, entre outros.

Na mesma época, principalmente na França com o surrealismo, a collage ganha densidade e profundidade, sendo postulada como imersão e apresentação do inconsciente, dos sonhos, onde seriam recrutadas as teorias freudianas. A partir do surrealismo, Breton, Aragon, Reverdy, Duchamp e Artaud, as imagens desconexas, descarrilhadas abriam cada vez mais novas possibilidades chegando ao âmbito da literatura e da poesia, vide os *cut ups* de William Burroughs nos anos 1966. Nessa mesma trilha, a collage minou movimentos como a *Internacional Situacionista*, *Provos*, o movimento concretista e neoconcretistas. Desde então, o deslocamento de figuras, imagens, ideias de um contexto a outro para dar nova significação passou a ser processual.

A colagem também comparece como princípio na arte de rua contemporânea, com lambes, grafites, nas paredes, empenas, muros e tapumes. A collage não parou de se disseminar em vários processos, inclusive do pensamento científico. Na música eletrônica está o princípio dos *samplers*, no design o processo criativo e ilustrativo, o *brainstorm*, na gravura e na estamperia a figura e a composição. Ela está por tudo; tudo o que se possa recortar e colar. Recortamos, reunimos e colocamos cotidianamente informações, palavras e imagens, emojis, músicas, reels, postagens, vídeos...

O Instagram virou uma gigantesca galeria de collage crescendo a cada dia mais. Os programas de montagem e tratamento de fotos ou mesmo de collages cresceram muito na última década. Apenas com um celular, é possível editar fotos a partir de diferentes gostos e habilidades. Muita gente passou a se utilizar deles para fazer collages, inclusive os collagistas que antes trabalhavam com a tesoura e a cola, que se referem a suas collages como collages analógicas (em contraposição às collages digitais). Vale ressaltar que o termo collage analógica nos parece um tanto equivocado, ou paradoxo, já que 'analógica' descende de analogia (grego αναλογία – analogia, "proporção"). Aqui propomos collage física e eletrônica ... mas talvez nem coubesse dividi-las. Enfim, os mais jovens foram os primeiros a aderir as collages eletrônicas, até porque as revistas pouco a pouco estão se tornando escassas e quase ninguém mais compra, ou vende. Em breve serão raridades. O que torna a collage física ainda mais extensa quando provocada, já que começa na coleta e reunião de impressos de diferentes áreas, vias, datas e segmentos, quase que em uma busca arqueológica que antecede o processo de fragmentar, reunir e colar. A reunião do passado e do presente se fundem na colagem. Passados de distintos tempos convivem num paradoxo de espaço-tempo, e também distintas visões, que a colagem permite que coexistem num mesmo plano.

Entretanto cuidado, porque a collage não é um direito adquirido somente pelas vanguardas artísticas, tal como foi no século passado. Hoje ela foi apropriada pelos movimentos políticos reacionários, o fascismo e neonazismo, sua intenção de uso é mortal, inverte verdade por falsidade, e mentira se torna verdade como em 1984 de Orwell. Porém os resultados guardam uma distância abissal entre a mensagem e a forma como o fazem. Suas collages são literalmente pobres, porque elas são apenas um truque para atingirem o que se quer acusar. Se o princípio da collage é fragmentar e evidenciar as falsidades do mundo perspectivado, as representações ilusionistas, escancarando através de montagens gritantes e estranhas, esse nojento uso da collage, para a criação de irrealidades fascistas, mescla o que precisa ser dito para a manutenção do controle político ao que se quer que seja visto, utilizando o disparo da imagem para atingir numerosamente e volumosamente pessoas que acreditam copiosamente em tudo o que às chega. Esse é um dos riscos de uma sociedade que cada dia mais abandona a letra e a palavra pela imagem.

Retornemos à questão do crescimento da collage, agora olhando para o campo da arquitetura e urbanismo. Talvez esse crescimento, ou aparecimento da collage entre um grupo de arquitetos e estudantes na área da arquitetura deva-se ao fato de nós trabalharmos muito com imagens. Somos demasiadamente figurativos-formalistas. Se olharmos as collages, veremos que o pensamento criador delas raramente é linear, elas estão tecidas e entretecidas, seguem outras lógicas, de uma dialogia entre imagens na qual o criador parece impotente ante a força da linguagem e significação que elas produzem através de seu efeito de estranhamento com a realidade, ou de como estamos habituados a ver. Alí onde a escrita termina, a collage se apresenta não colocando pontos nem reticências, mas estabelecendo novas aportações onde o desenho técnico e a palavra escrita ou falada são impotentes. Na arquitetura, vários arquitetos se utilizaram da collage como procedimento e não só representação no século XX: Le Corbusier, Gaudi, Jujol, Mies, Lina Bo Bardi, Aldo Rossi, Colin Rowe, Libeskind, Archigram, Tschumi, entre outros tantos. O livro *Collage city* de Colin Rowe e Fred Koetter, contribuição e reação ao urbanismo no final dos anos 1970, se argumenta no encontro entre os fragmentos arquitetônicos e urbanos do passado e as utopias futuras, infelizmente como política de acomodação.

Quando o projeto não chega, é na collage que se satisfaz a necessidade e a urgência da vida, a collage como construção de moradas, de barracos, de favelas. A collage se faz com cola, mas também com prego, encosto, fita, rejunte. A collage não é em si, o produto, mas a abertura e o destino. É o processo que se abre para conectar, infinitamente, o que já existe ao que ainda não nasceu. Ela é híbrida, mestiça, dissidente. Na collage aparece o corpo cansado, descalço, a luta dos acasos e a imprecisão do destino. Talvez por isso, a collage tenha tantos nomes e composições nas diversas línguas e fazeres que já a pronunciaram, porque ela é experiência, é expressão perversa, é ânsia de ser, um eterno devir.

A collage desde o entendimento dos surrealistas pode se apresentar enquanto trajetória amorosa, como apresentado no pequeno livro *A collage como trajetória amorosa* de Fernando Fuão, porque seu processo pode ser compreendido a partir de três etapas: o recorte, o encontro e a cola. A primeira delas, resulta na captura, seleção, organização, classificação ou ainda construção de fragmentos. Liberta-se figuras de um todo, inaugurando o processo de criação, a construção do abismo e da descontinuidade que obriga os seres a comunicarem-se de maneiras distintas. Os fragmentos, nesse sentido, são objetos próprios, autônomos, que aguçam a imaginação ao entoar possibilidades de reconstrução de novos sentidos. A segunda etapa, e talvez mais importante, expressa as aproximações, deleites e possibilidades de articulação que esses fragmentos podem criar ao serem colocados lado a lado. Possibilita o encontro entre visões, culturas, fissuras, espaços e tempos completamente diferentes. É o

instante em que o movimento da produção se acelera e as figuras podem dançar umas sobre as outras sem compromisso, livres. É a possibilidade do acaso, da espera e da errância. Por fim, temos a cola, que fixa uma figura a outra, como uma ponte que conecta dois ou mais territórios. A cola consagra a união, conclui, vincula. É o lugar decisivo, do arrebatado, de ir em frente ou retornar.

Nesse sentido surge a chamada da PIXO 26, com o tema: 'COLLAGE: do movimento à criação'. Sabemos que a collage é uma conversa que grita contra a ordem das coisas, de seus conceitos e significados dados, e opera no processo de produção de novos objetos, formas e imagens provenientes da associação de objetos e figuras já existentes. Assim, ela será apresentada nessas duas edições temáticas a partir de várias frentes e sobreposições. É preciso ressaltar, que o tema teve uma receptividade imensa devido ao grande volume de artigos que recebemos e que passaram pelos critérios de submissão, inclusive abrangendo trabalhos de outras áreas como era nossa pretensão inicial, artes, da arquitetura, do design, da educação, da filosofia, da antropologia, da psicologia, da literatura, da música, do cinema, da fotografia; e nos encaminhando a publicação de dois tomos para contemplar todos os autores selecionados, o que nos preenche de alegria e consta que 'nós não estamos sozinhos', mas collados. E collados venceremos as lutas de nossos tempos.

Nesses dois tomos privilegiamos as collages propriamente ditas, explorando o máximo que podemos de seu poder de imagem para dizer, falar e gritar cada uma em seu contexto, para que o leitor 'pare, olhe escute' antes de ultrapassar para a próxima página. Temos assim duas escrituras, ambas sempre críticas. Uma contada através de palavras que escrevemos; e outra contada através de collages, algumas vezes ilustrando o texto, em outras possuem uma autonomia que não acompanham o texto e servem para comunicar aquilo que o texto científico já não permitia ou mesmo se tornou incapaz de retratar. Nesse segundo sentido, a collage expressa sentimentos e afetos não admitidos pela palavra. Essas collages acreditamos que servem de guia para as pesquisas. Se apresentam como novas metodologias para investigação dos ditos objetos e sujeitos de investigações. Enquanto livre associação de figuras de qualquer âmbito, elas possibilitam revelar outros caminhos impensáveis para o entendimento e desenvolvimento da própria investigação. Compreendemos que nossa imaginação está domesticada pelo sentido, jamais pelo não sentido, mas como disse Deleuze, como pode o senso (*sense*) viver sem o *no sense*.

A PIXO 26: COLLAGE I, está composta por textos onde o debate centra-se na collage enquanto processo, assumindo nitidamente possibilidades e compromissos de produção junto ao surrealismo através da literatura, à arte-terapia, à arte educação e ao ensino e/ou análise de arquitetura, urbanismo e ao próprio lugar. Já na PIXO 27: COLLAGE II estão acolhidos os textos em que o sentido de montagem é adotado, vinculando-o à filosofia, a arquitetura e urbanismo e à teoria da arte. Nesse número também aceitamos que a collage se colocasse como forma de apresentação de projetos e pensares em arquitetura e urbanismo, sem entretanto aprofundar o processo enquanto procedimento teórico. Entendemos que a collage é a casa do acolhimento de figuras, e também de artigos que se podem justapor ao outros e se fazerem 'sentidos' em sua dialógicas e analogias fazendo que surja outros textos e ideias imaginárias na cabeça do leitor, que de fato na realidade inexistem. Portanto dizemos o óbvio, não leia linearmente, salte de um para outro.

Quem ilustra as capas e aberturas de seções da PIXO 26: COLLAGE I é Chico Gomes, fotógrafo documental e colagista cearense, que compõem em suas produções, figuras humanas, texturas e expressões, inclinando suas produções à materialidade e infundido-as sobre fundos escuros, críticos. As collages de Chico possuem forte caráter político e não se eximem de comprometer-se em dilacerar as integridades, denunciando as

feridas do racismo, da pobreza, do extrativismo e das diferenças sociais de nosso território, assim como do elitismo da arquitetura. Agradecemos imensamente ao Chico, que nos disponibilizou dezenas de collages para que anunciassem esse número da revista.

Abrindo a seção autores convidados, o ilustre poeta, ensaísta, tradutor, artista plástico e colagista, criador e editor junto com Claudio Viller da *Revista Agulha*, Floriano Martins, nos presenteia com um ensaio inédito especialmente preparado para esse número temático: a 'PROPRIEDADE IMAGINÁRIA E A COLA DESFEITA', texto poético e visual contado em passagens íntimas e sensíveis, que derivam e dissonam as etapas do processo da collage nas mais variadas esferas de construção, inclusive subjetiva. Encontrando-se no pensamento do surrealista Max Ernst, Floriano Martins nos provoca em trechos como: "as minhas imagens agora ansiavam por uma orgia que se prolongasse até a descoberta de um novo ser. Um corpo nu roçando uma pedra dura, o olhar revelado no íntimo de um tecido áspero, as flores carnudas do sexo brotando de troncos de árvores e margens de rios. Havia uma devassidão sem par que espreitava todos os encontros entre superfícies desejados pela beleza e a crueldade, o amor e a repulsa."

Seguindo a poética da collage, Nelson De Paula, nosso outro convidado, autor de um dos livros mais *cult* da collage, escrito na década de 70, *A collage um testemunho fenomenológico*, compartilha com nós vinte e cinco poesias anteriormente publicadas no e-book 'COMO PRATICAR O TERROR COM UMA TESOURA'. No conjunto, Nelson nos provoca por hora a olhar para os movimentos da collage enquanto adentra as entranhas do próprio processo e de si. "Adoto o viés surrealista para o meu trabalho apenas para ter a garantia do fio de Ariadne no retorno. Tal caminho não me traz consequências, sua opulência não é um peso. No entanto, não renego a estrela iniciática. Confraria não faz mal nem aos anarquistas. Explodir mundo não parece ser tarefa de um único ente."

Na sequência dos convites, a arte educadora e arte terapeuta Suzana Dalessio abre um pequeno bloco de textos onde a collage se apresenta como terapia, curação. A importância desse artigo de Dalessio situa-se exatamente naquela premissa inicial que falávamos no início deste editorial, o crescimento da collage no período de dois anos da Covid. A collage, temos certeza, ajudou muitas pessoas a superarem esse terrível momento, o isolamento e as perdas. Ajudou a superar os horrores do nazifascismo do governo Bolsonaro e seus asseclas que vieram para nos atormentar mais ainda. Pandemia e pandemônio juntos. Só com collage mesmo para suportar. Suzana Dalessio nesse artigo entra fundo nesse processo: 'ARTE E TERAPIA Sob o enfoque da collage'. No princípio, Suzana explora as sete funções terapêuticas da arte; depois, satisfaz um panorama da história da arte e do processo de collage, para por fim, propor a collage como trajetória amorosa de autocuidado.

Quem finaliza a seção de autores convidados é Luis Gustavo Guimarães, educador de primeira linha, freiriano, artista, colagista e pesquisador infatigável que agracia com essa investigação inédita e de vital importância na área de educação intitulado 'COLLAGE E EDUCAÇÃO', explorando a potência da teoria da collage a partir de experiências em oficinas para jovens adultos, na qual Guimarães reflete sobretudo a potência ética, política e questionadora da collage enquanto ferramenta pedagógica. Além das reflexões, o texto é ilustrado com fotografias e collages que ajudam a apresentar os processos.

A seção artigos e ensaios é aberta por Gladys Neves da Silva, com o 'GLOSSÁRIO DA COLLAGE'. A arquiteta e colagista escreve sobre a collage como reagrupamento da realidade fragmentada, adentrando a alguns exemplos sobre arquitetura e collage para

introduzir um glossário sobre as ações que envolvem esse pensar. Gladys foi uma das precursoras a pesquisar uma história da collage na arquitetura, que culminaram em uma dissertação. A lista de ações e definições, se abre como um recurso didático para orientar o processo criativo da collage, já que reúne conceitos e técnicas pertinentes à prática, extraídos de análises efetuadas por diferentes autores como Fernando Fuão, Simón Marchán Fiz, Sergio Lima e outros.

Uma grande e feliz surpresa nesta edição, foi conhecer o trabalho e pensamento de Claudicélio Rodrigues da Silva, professor de literatura brasileira, 'ARQUITETANDO NOVAS FORMAS DE PENSAR EM LITERATURA BRASILEIRA'. O professor compartilha um audacioso ensaio, potente e extremamente crítico, tanto em suas palavras escritas como em suas vigorosas collages que parecem superar o insuperável de sua escrita. Essas collages que gritam, nos fazem colocar na boca aquele sorriso de prazer. Claudicélio nos faz refletir sobre a necessidade de reinventarmos formas e modos de pensar o ensino da história da literatura brasileira, principalmente às manifestações do século XVI e XVIII, a partir do pensamento decolonial e plural. Criticando a historiografia colonizada, a collage é utilizada como uma forma de fazer emergir um discurso que dialoga com a releitura urgente da nossa história.

Criando pontes entre cinema, educação e collage, Gustavo Monteiro Tessler e Cristian Poletti Mossi nos apresentam 'MAIS ENCONTRO, MENOS EXPLICAÇÃO Bom Trabalho, colagem e uma pesquisa', onde propõem movimentos de criação em pesquisa aliados ao trabalho coletivo, despertados a partir de frames do filme *Bom Trabalho* (1999), da cineasta e escritora francesa Claire Denis. Flertando com a collage, a criação mistura imagens, palavras e linhas para a criação de um método de pesquisa em educação que acompanha de forma genuína o processo de fragmentar e encontrar. As provocações, para além dos mapas compartilhados, é um baile. Uma dança onde o corpo procura as linhas de força da collage para movimentar a docência-pesquisa, deixando rastros para pensarmos outras possibilidades de investigação para além do campo da educação.

Nos mostrando as possibilidades da collage enquanto formulação de arquitetura, a professora e arquiteta Giovana Santini escreve 'VILA CHOCOLATÃO collage e favela'. Santini apresenta em seu texto imbricado à sua dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo as relações entre a collage e a Vila Chocolate, favela que se situava atrás do edifício da Receita Federal, em pleno centro administrativo de Porto Alegre (até 2011). A inteligência da abordagem está na adoção da collage como poética, análise e retórica para acompanhamento das formas e espaços de uma arquitetura-urbanismo da urgência que se monta a partir de diferentes materiais e acúmulos coletados na construção dos barracos. A collage enquanto processo, ultrapassa a palavra e as imagens geradas mostram a transformação e ressignificação dos diferentes fragmentos que estruturam e compõem os barracos, a Vila e seus moradores. O texto é brilhantemente escrito e ilustrado.

A arquitetura como collage também é temática tratada pelo arquiteto e professor Ricardo de Souza Rocha. Em 'JENARO PINDÚ E A COLLAGE Vanguardas sul-americanas desconhecidas', Ricardo nos apresenta sete trabalhos do desenhista, colagista, gravador, pintor e escultor de larga trajetória nas artes plásticas paraguaias: Jenaro Pindú. Visitando as obras artísticas e arquitetônicas de Pindú na capital do Paraguai, misturando teoria às impressões de viagem, Ricardo aponta para continuidade, transformação, adaptação e evolução das criações enquanto sentido contínuo. Ricardo nos propõe um texto com algumas aberturas para pensarmos na produção arquitetônica contemporânea, a partir da América do Sul.

Agregando-se ao bloco da temática da collage e da arte educação, iniciada pelo convidado Luis Gustavo, os arquitetos e pesquisadores, Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha compartilham o exercício lúdico e pedagógico: 'SERES LENTOS E COLLAGES DO ACOLHIMENTO A metáfora do encontro como prática democrática'. A partir de oficinas com com graduandos de arquitetura e urbanismo e estudantes do quinto ano de uma escola municipal em Pelotas entre os anos de 2021 e 2023, a brincadeira com collage enuncia diferentes percepções sobre as formas do acolhimento e outras esferas subjetivas que compõem a experiência na cidade, o que permite pensarmos na potência da collage enquanto procedimento de cartografia social, dentre outras tantas coisas.

Alargando as possibilidades da collage para a educação, no artigo 'COLAR EM REDE A produção de edifícios - e de textos - por meio de colagens', a atual professora Flávia Lima compartilha sua pesquisa de doutorado orientada pela professora Giselle Azevedo. A pesquisa, cartografou a rede sociotécnica do projeto arquitetônico da escola de educação infantil *Espaço Cria*, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2015 e 2021, e tem como influência o pensamento de Bruno Latour. Através do trabalho e das collages, questiona-se o papel do arquiteto nas redes de projeto-pesquisa, propondo-o não como o criador, mas como um mediador privilegiado de um processo coletivo de criação. Mais uma vez, a collage possibilita a co-criação, a simultaneidade e a pluralidade de leituras e produções de projeto e uso do espaço, dessa vez, do espaço escolar.

A collage como prática de ensino é explorada em 'OS RECORTES E OS ENCONTROS NO PROJETO ARQUITETÔNICO Relatos da disciplina de Composição Projetual 1', texto escrito pelas mãos pensantes dos professores de arquitetura Anelis Rolão Flôres, Adriano da Silva Falcão, Clarissa de Oliveira Pereira, Fernanda Peron Gaspar, Marina Alcântara e Cristian Vinicius Machado Fagundes. No relato que aborda a experiência em sala de aula, a collage é experimentada como ferramenta de projeto híbrido, possibilitando uma liberdade formal na introdução do pensamento projetual. Fazendo partes dos textos onde a collage enquanto procedimento pode despertar pensares outros para a arquitetura e urbanismo, o texto aguça nossa atenção principalmente pelas bonitas imagens produzidas na tridimensionalidade que ampliam o sentido da collage.

Abordando a collage como procedimento de leitura do lugar, os também professores de arquitetura e urbanismo, Laline Cenci, Samuel Brito, Ana Paula Maran, Luciani Neves Lens e Paulo Ricardo de Matos abordam outro viés do processo. Em '(RE) CONHECER O LUGAR A collage como poética no enfrentamento do ensino remoto', relatam a experiência imaginativa da collage como aprendizagem e reconexão dos alunos com os espaços de educação da UFSM - Campus Cachoeira do Sul. Na experiência, a collage alarga o sentido representacional, remexendo às experiências sensíveis e aguçando o desejo de convivência dos alunos e professores nos espaços da universidade.

O mesmo sentido é pronunciado em 'COLLAGE DE AFETOS Novos olhares para o Parque Itaimbé'. O artigo, escrito pelos professores de arquitetura e urbanismo Juliana Lamana Guma, Adriano da Silva Falcão, Marina de Alcântara e pela graduanda Fernanda Rodrigues Vargas, compartilha as ações do projeto de extensão 'Afetos', que tem como objetivo construir a história do Parque Itaimbé, importante parque linear de Santa Maria-RS. A partir das histórias e memórias contadas em entrevistas pelos moradores e frequentadores do local, criam-se collages pelos participantes do projeto, que permitem complementar e atualizar os fatos registrados a partir do parque da documentação oficial da cidade.

Adentrando à discussão de representação cultural da cidade, em '100 IMAGENS OU SEM IMAGENS 25 anos depois das 100 imagens da arquitetura pelotense', Fernanda Tomiello, Miguel Delanoy Polidori e Carolina Magalhães Falcão experimentam as imagens de arquiteturas retratadas pelo livro de Rosa Maria Garcia Rolim de Moura e Andrey Rosenthal Schlee publicado em 1998, para refletir sobre o patrimônio - e sobre o não patrimônio- da cidade de Pelotas, jogando com as ausências e presenças. O trabalho usa de collages tanto no sentido das imagens que aproxima, quanto em sua revisão que une conceitos da arquitetura e urbanismo, da arte, da psicologia e da filosofia. Essa mistura é proporcionada pela formação e interesses dos autores, já que Fernanda e Carolina são arquitetas, doutorandas em Memória Social e Patrimônio Cultural, e Miguel é estudante de psicologia.

Em ERRANTES URBANOS Experiência com collage urbana na Paraíba', a collage se desdobra em procedimentos de pesquisa. Os professores de arquitetura e urbanismo Marcela Dimenstein, Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti e os estudantes, Kainã Carlos da Silva, Maria Eloaynne Silva de Oliveira, Ana Carolina Rodrigues Andrade, Aline Chaves da Nóbrega, Jamille Borel Linhares e Gabrielle Nascimento Custódio, compartilham a experiência de alteridade e errância na cidade. Apresentando a proposta de vivência em poemas e collages, potentes ferramentas para a experimentação e leitura subjetiva do espaço, apresentam sentimento e sensações provenientes da prática do lugar, que possibilitam a valorização da cultura local.

A saída pela arte também é uma proposta dos doutorandos em arquitetura e urbanismo Christian Cambruzzi da Silva, Jéssica Caroline Rodrigues de Lima, Indiara Pinto Brezolin e Rodrigo Gonçalves dos Santos, em 'A PERFORMANCE E A COLLAGE ENQUANTO PROCEDIMENTOS PARA UM PENSAMENTO INDISCIPLINAR', onde discorrem sobre uma experiência de intervenção urbana realizada na região centro leste da cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. A collage aqui, não se dá propriamente dita como um texto, mas como uma ação 'fora do lugar' que desloca e gera interferência no cotidiano da cidade.

Fechando a seção artigos em ensaios, o artista Wagner Ferreira Previtali e sua orientadora professora Rosângela Fachel de Medeiros compartilham a criação cartográfica e as collages que acontecem a partir da criação poética e artística do retorno e encontro do artista com a sua cidade natal - ao sul do Brasil em 'TORNAR-SE OUTRO CONTINUANDO A SER QUEM É Os encontros como processo de criação das colagens digitais Retorno para as paisagens daqui (2022) e Devir-Sensível (2022)'. As imagens ajuntadas, encontradas, permitem um deambular pela paisagem do pampa, em uma intenção de querência, estada. A collage, nesse sentido, é meio de encontro e de mutação que assegura um movimento de si no meio, produzindo arte.

Iniciando a sessão parede branca, as professoras de arquitetura e urbanismo Juliana Guma e Anelis Rolão Flores e as graduandas Helena Hartmann Keller e Natália Engel Schunke apresentam 'COLA ESCOLA Relato da oficina do Ateliê de Urbanismo e Paisagismo'. O trabalho, permeado por collages feitas por alunos do sexto ano, relata uma oficina realizada em uma escola municipal de Santa Maria por estudantes de arquitetura e urbanismo. Nas imagens criadas, o projeto e o desejo se compõem, e a collage é um momento de encontro, processo de projeto, pensamento e imaginação de um espaço que pode modificar-se. O mais interessante das collages é sua força de comunicação e pertencimento ao espaço que é comunicada pela desproporção entre os elementos reunidos, ampliando a força da imagem gerada.

No sentido de pesquisa- processo, a arquiteta e doutoranda Barbara Scudeller explora a figura dos catadores, ambulantes e passageiros remontando a experiência de centro urbano em collages que compõem diversos elementos do centro de Presidente Prudente e São Carlos em 'NO MIOLO DA TRAMA Popular para quem?'. As collages, brincam com os símbolos e imagens, produzindo interferências que entre-tramadas, tecidas, emaranhadas, apuram o pensamento que permite experienciar esse território único nas cidades.

O olhar para a cidade, e a superexposição de informações também aparece no ensaio visual 'VER A CIDADE Metacolagem paulistana', da arquiteta, professora e colagista Marcia M. L. Mello. A partir da acolhida dos gritos da cidade, Márcia instiga um olhar aguçado a partir da collage de diversos elementos coletados na cidade de São Paulo, impressos, recortados e encontrados e colados. As collages evidenciam as minúcias do cotidiano, enquadrando fragmentos díspares e semelhantes.

A experiência no território de investigação também é abordada por Luana Helena Loureiro Alves dos Santos em 'CIDADE EM COLAGEM Explorando além do óbvio'. Em duas collages, a graduanda em arquitetura e urbanismo compartilha os exercícios que realizou para compreensão da cidade fragmentada que buscou intervir em um projeto de graduação, que possibilitaram a comunicação de ideias, emoções e reflexões que a encontraram durante o processo.

O caráter político da collage é explorado por Flora Menezes Tavares em 'COLAGEM COMO EXPERIMENTO METODOLÓGICO INSURGENTE'. Nas collages, a urbanista arquiteta, pesquisadora e criadora do projeto TRAMA: uma rede que, através do entrecruzamento entre comunicação, arquitetura-urbanismo, educação e artes. Flora tece ativismos criativos e ações de impacto social junto a movimentos urbanos, universidade e instituições implicadas nos enfrentamentos às injustiças socioterritoriais e no combate ao racismo criando um espaço de diálogo entre mulheres negras de diferentes territórios de Salvador, e também entre academia e cidade; buscando contribuir para a discussão sobre modos não hegemônicos de produção de conhecimento a partir de práticas educativas, artísticas e coletivas que são potencializados pela collage como processo.

A emancipação identitária também é tema em 'A COLAGEM DIGITAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA Processo artístico da série Memórias e Utopias'. Nesse emocionante trabalho, o designer e mestrando em artes visuais, Rynard Miltom visita retratos o século XIX intitulados "Tipos Negros" - imagens dos corpos negros representados como "coisas ou objetos", para reimaginá-los, reanimá-los a partir da collage digital, em espaços familiares de afeto e estima, onde o direito ao cotidiano seja possível. Com cores fortes, mesclando desenho digital e collage, a vibração é possível, o que destaca o papel da collage como arma política, sobretudo em um país onde as veias da colonização ainda são pulsantes.

A graduanda em arquitetura e urbanismo, Maria Alice Corrêa de Oliveira também problematiza a colonialidade em 'ATACARAREALIDADE Sem anistia para a (verdadeira) história', trabalho que propõe por imagem e poesia a ideia de uma comunidade latino-americana liberta e sob uma ótica de eliminação da expansão colonial mercantilista vigente. A única collage do trabalho nos encanta, pedindo demora e atenção aos detalhes empregados.

Em um trabalho também político, mas intimamente sensível e potente, as mestrandas em urbanismo Gabriella Suzart Santana, Laila Cristiane Santos Souza e Zara Pereira Rodrigues Silva apresentam 'A FUGA DA CIDADE EM NÓS', uma miscelânea de colagens manuais que une memória, imaginação e pesquisa a partir de três localidades próximas a Salvador, entrelaçando as histórias passadas, presentes e futuras que se compõem para criar um lugar novo, feito desses muitos fragmentos. A collage, aqui revela-se como local de acolhimento para aquilo que pede espera e pensamento querendo ser partilha.

Por fim, a doutoranda Taís Beltrame dos Santos apresenta um pequeno texto sobre o fotógrafo e colagista Chico Gomes, bem como as collages escolhidas para as aberturas de seção e outras, que ajudam-nos a mergulhar na potência do trabalho de Chico. Agradecemos mais uma vez sua grande generosidade.

À todos colegas, colagistas, educadores, urbanistas, arquitetos.... Desejamos uma boa leitura!

Fernando Fuão e Taís Beltrame dos Santos